

5- Atualmente fala-se muito sobre a avaliação processual, qual a sua postura em relação a essa prática avaliativa?

Considero importante porque a aprendizagem é gradativa.

Nem a prática avaliativa, o conhecimento do aluno não é anulado, faz-se uma junção do conhecimento prévio com o novo, resultando na aprendizagem.

6- Os professores devem abolir as notas e as provas? Justifique sua resposta.

Aboliria as notas porque conhecimento não se mede. As provas não deveriam ter uma data específica e servir apenas para serem detectadas e trabalhadas as dificuldades dos alunos; assim elas não os inibiriam, não causariam tanta insegurança.

ENTREVISTA AO DIRETOR

1- Qual a prática avaliativa escolhida por sua escola?

Avaliação processual e continua

2- Você vê a avaliação como parte integrante do processo de ensino? Por Quê?

Sim. Por que através do acompanhamento do aluno podemos saber em que nível de aprendizagem eles se encontram e com este diagnóstico poderemos rever os conteúdos trabalhados para um bom rendimento escolar.

3- Na sua opinião, quais as condições necessárias para que a escola cumpra bem o seu papel?

A parceria entre escola e família, que é de suma importância, pois possibilita conhecer em parte a realidade dos alunos, para que possamos amenizar alguns problemas enfrentados pela escola no seu dia-a-dia.

4- Você tem acompanhado os alunos de sua escola/ como estão sendo avaliados?

Sim. Embora cada professora tenha a sua maneira de avaliar, não fogem à prática avaliativa escolhida pela escola, por julgarmos ser a mais eficaz.

"Conhecimento são se divide, multiplica-se".

GRÁFICO 10

Como são planejadas as suas aulas?

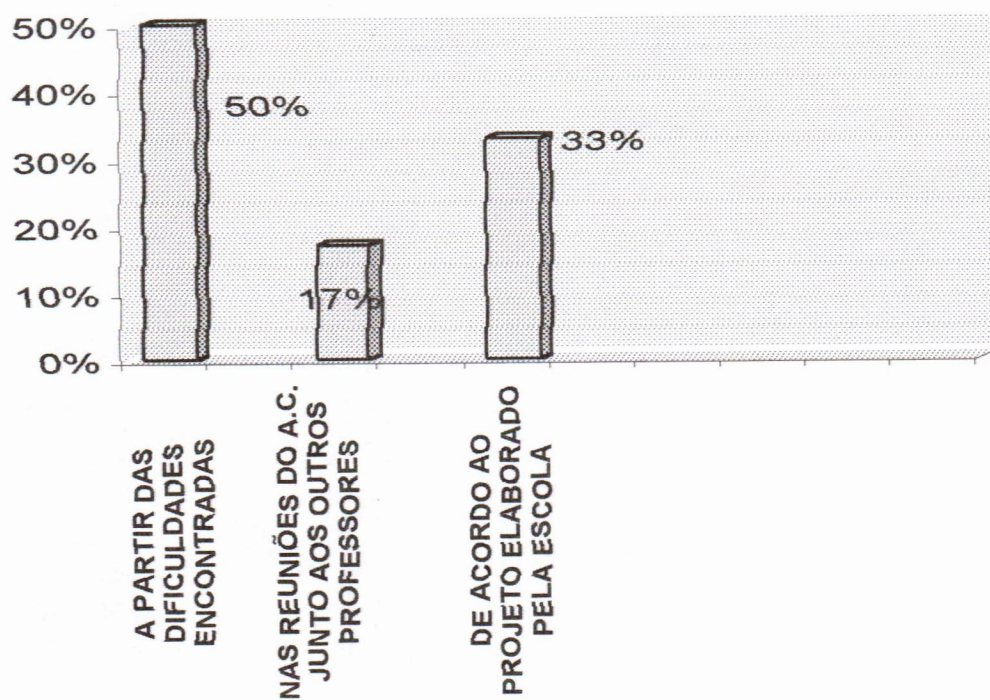


GRÁFICO 8

O que faz com o resultado das avaliações?

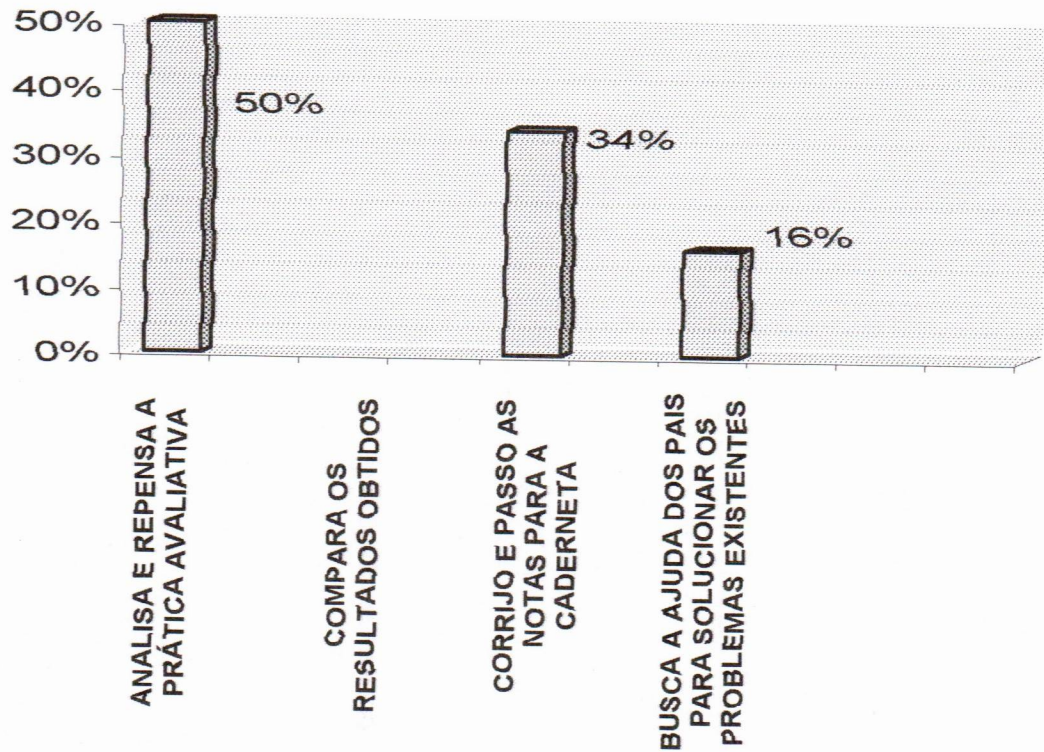


GRÁFICO 9

O que fazer quando o aluno não adquire o conhecimento necessário para alcançar os objetivos propostos?

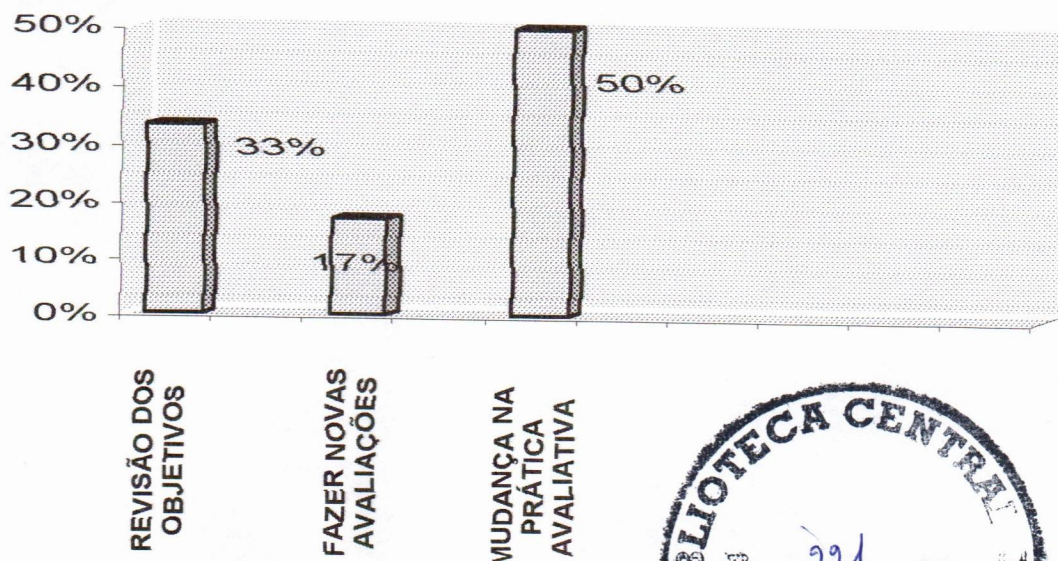


GRÁFICO 6

Qual critério utiliza para avaliar seus alunos?

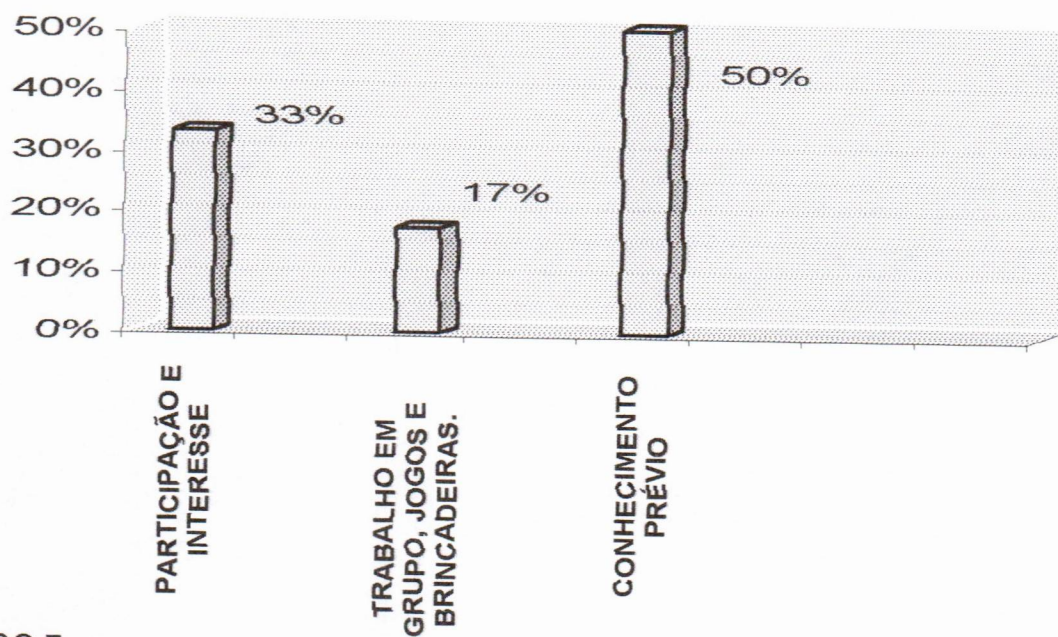


GRÁFICO 7

Por que avalia seus alunos?

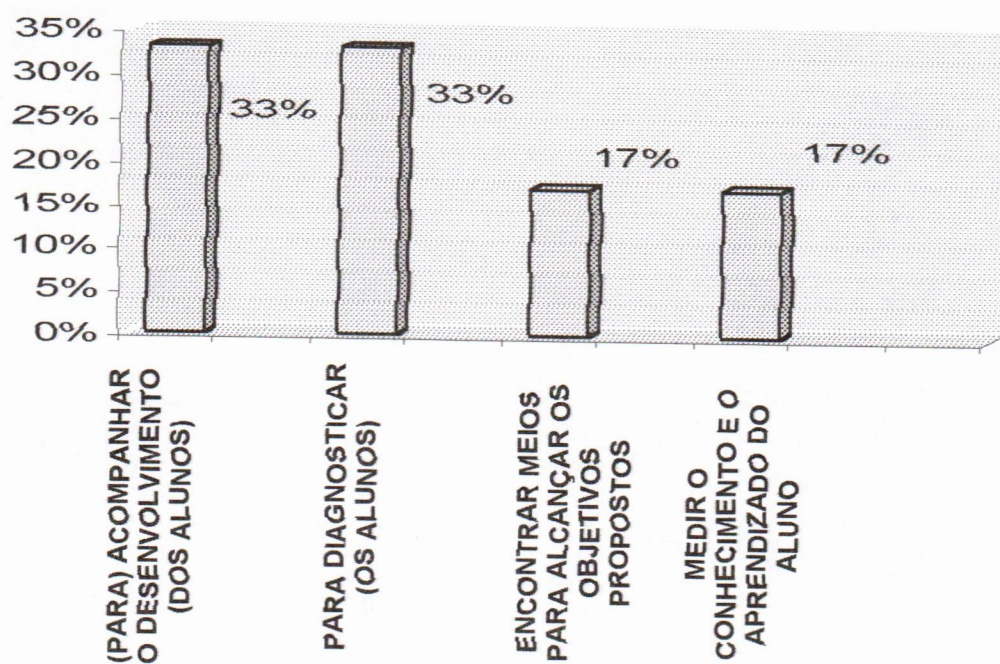


GRÁFICO 4

Você faz registros? De que forma?

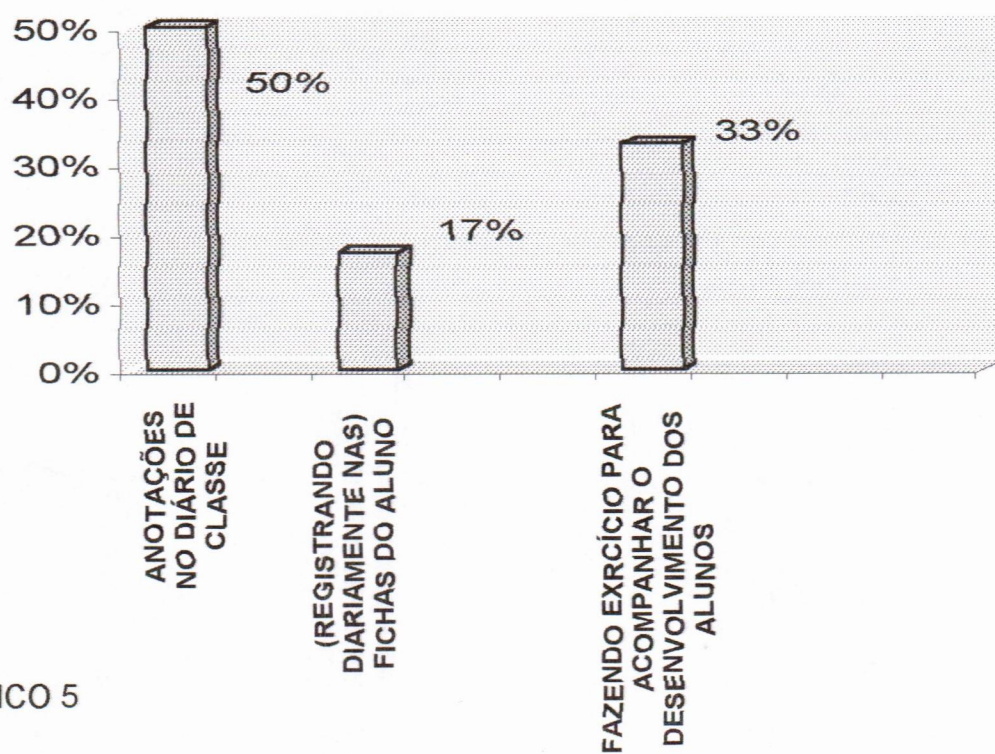


GRÁFICO 5

Quando avalia seus alunos?

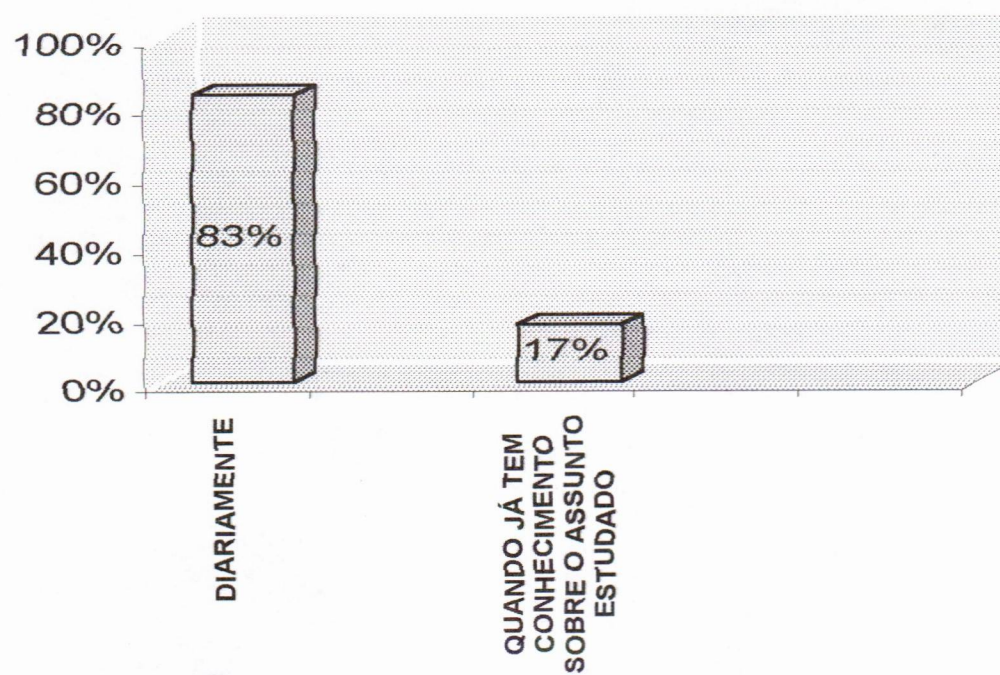


GRÁFICO 2

Para você o que é avaliar?

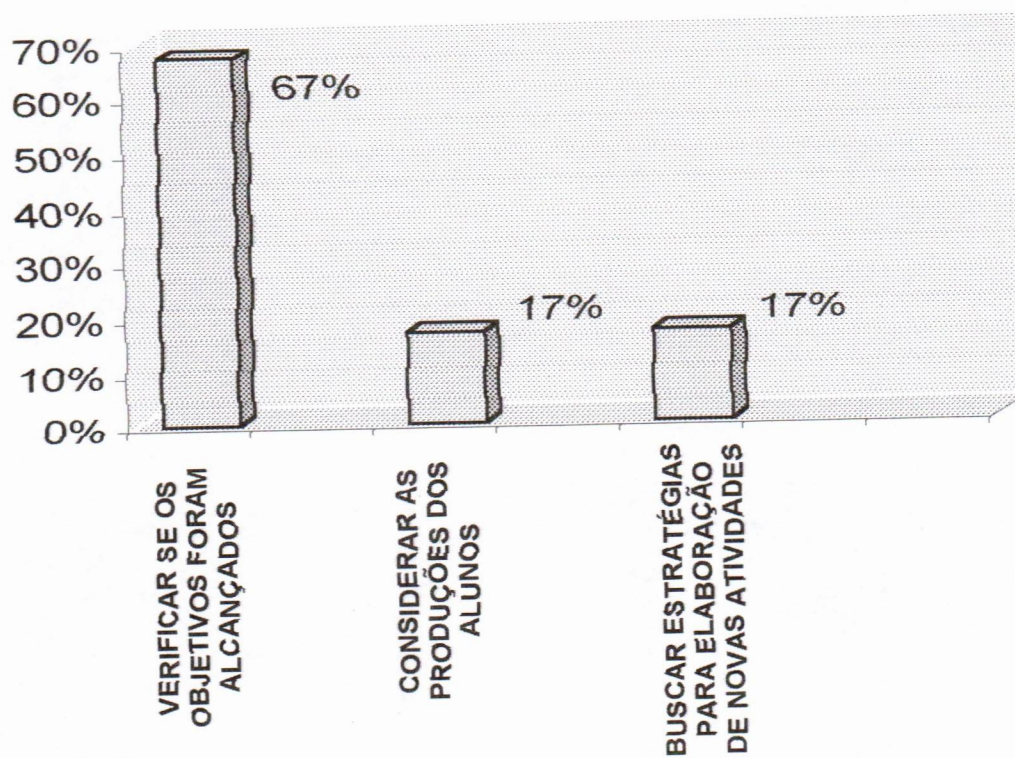
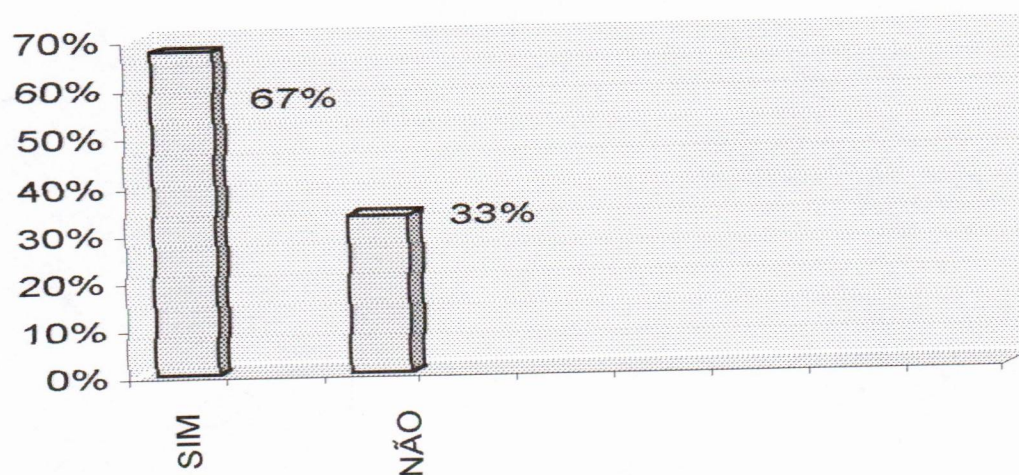


GRÁFICO 3

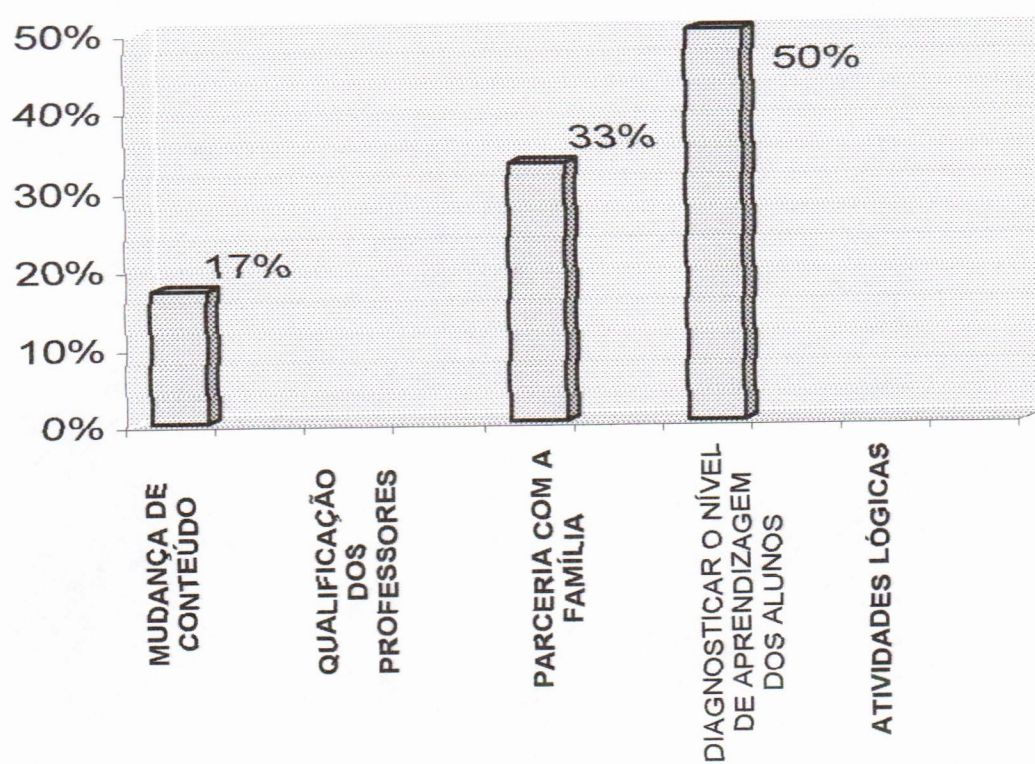
Os professores devem abolir as notas e as provas?



ENTREVISTA AOS PROFESSORES

GRÁFICO 1

O que é necessário fazer para que a escola garanta a aprendizagem de todos os alunos?



ANEXOS

SOUZA, Clarilza Prado et al. Avaliação do Rendimento Escolar: Papyrus, 1991.

HERNÁNDEZ, Fernandes. Transgressão e mudança na educação: Artmed, 1998.

Referências Bibliográficas

PASSOS, Luzinete Ferragnt et al. Pedagogia das diferenças na sala de aula; Papyrus, 1999.

CORSINO, Patrícia et al. Ensino Fundamental, Salto para o futuro: Acop, 1999.

LIMA, Adriana de Oliveira. Avaliação Escolar, Julgamento x Construção: Vozes, 1998.

SOUZA, Herbet; **RODRIGUES**, Carla. Ética, Coleção Polêmica: Moderna, 1994.

VASCONCELOS, Celso. Mudar a avaliação. Sem essa de exclusão! Revista Mundo Jovem, Nº 132, pp. 12, 13, Julho / 2001.

HOFFMAN, Jussara. Pontos e Contra – pontos, do pensar ao agir em avaliação: Mediação, 1998.

MARTINS, Jorge dos Santos. Como construir trabalhos científicos. Salvador: Editora da UNEB, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 5 ed, Rio de Janeiro: Alfa Omega, 1798.

comunidade escolar. A avaliação foi e ainda é utilizada como punição, como castigo. Atualmente um novo paradigma vem sendo construído e tem como objetivo modificar a forma de avaliar que deve ser processual e contínua. A avaliação é de suma importância na escola, é o meio pelo qual nos professores podemos acompanhar os nossos alunos, pode ser feita, de forma que não venha a prejudicar os alunos.

Acreditamos, que se o professor trabalhar conteúdos vinculados com a realidade dos alunos, permitirá mais facilmente, a absorção do conhecimento sobre o objeto de estudo proposto pelo orientador.

De acordo com os dados de nossa pesquisa 64% dos alunos entrevistados não gostam de fazer avaliação por acharem difícil ou porque não condizem com sua realidade.

Uma das reivindicações feitas pelos alunos entrevistados foi uma avaliação mais "fácil", e aulas mais interessantes com jogos, brincadeiras etc... Pois estão se sentindo desmotivados.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho tentamos mostrar as causas que levam os alunos à reprovação e a evasão escolar. Um grave problema que vem afligindo escolas públicas brasileiras, carente de iniciativas ao favor da amenização e se possível sua eliminação. Para isso propomos algumas medidas sugestivas como: o estudo da realidade do aluno como parte integral no processo ensino-aprendizagem, formação contínua do professor, programa de renda mínima familiar. Questões que poderão se não solucionar, mas diminuir a desistência de alunos na instituição pesquisada.

Se a proposta é caminhar por uma nova teoria pedagógica de ensino (o interacionismo) e a abandonar a velha metodologia (o tradicional), é preciso haver qualificação do corpo docente, pois se o professor concluí o magistério em escolas tradicionais, naturalmente a sua tendência é de “ensinar” no método tradicional, o que torna necessário que esse conheça outras teorias pedagógicas, para que possa adotar uma metodologia capaz de transformar sua prática em sala de aula, gerando assim, um maior desenvolvimento de aprendizagem por parte dos alunos, eliminando conseqüentemente o fracasso e a evasão, pois quando a escola se torna mais atrativa aumenta o interesse de nela permanecer.

Para que isso ocorra é extremamente importante que o professor seja bem formado e informado, uma vez que a postura da nova escola propõe que comece a orientar seu aluno partindo do contexto em que ele está inserido.

Escolhemos a avaliação para fazer o nosso estudo por ser um dos temas mais discutidos na área educacional e possibilitar maior contato com a

TABELA 10

O que mudaria na sua escola para que pudesse aprender melhor?

	TOTAL	%
As aulas	18	40,00
A professora	6	13,33
A sala de aula	9	20,00
As avaliações	12	26,67
TOTAL	45	100

Dos entrevistados que corresponde a um total de 45 pessoas, 40% declaram que mudariam as aulas para que pudessem aprender melhor, 26,67% mudariam as avaliações, 20% mudariam as condições da sala de aula e apenas 13,33% mudariam de professor (a).

33,33% dos entrevistados afirmam já terem sido reprovados e sentirem-se frustrados. 66,67% nunca foram reprovados por serem determinados e terem como principal objetivo, passar de ano e ter futuramente um bom emprego.

TABELA 9

Tem dificuldades na escola?

	TOTAL	%
Leitura	21	46,67
Escrita	11	24,44
Relacionamento c/ os colegas	9	20,00
Relacionamento c/ os professores	4	8,89
TOTAL	45	100

A maioria dos alunos entrevistados apresenta dificuldades na leitura, o que representa 46,67%, outros 24,44% têm dificuldade na escrita, 20% não se relacionam bem com os colegas e apenas 8,88% não têm uma boa relação com os professores, o que comprova que o grande problema nas séries iniciais ainda é a leitura.

Considerando o número de alunos entrevistados pode-se perceber que ainda há grande resistência dos mesmos em relação às provas feitas em sala de aula. 64,45% afirmam não gostar de fazer avaliações.

TABELA 7

Reação dos alunos ao receber o resultado das avaliações.

	TOTAL	%
Fica com medo	15	33,33
Fica feliz	13	28,89
Fica triste	17	37,78
TOTAL	45	100

Neste item houve afirmação do aluno sentir-se triste ao receber os resultados das avaliações: 17 alunos (37,78%), declaram sentir medo, 15 alunos (33,33%); e 13 alunos (28,89%) ficam felizes por obter bons resultados.

TABELA 8

Já foi reprovado em alguma série?

	TOTAL	%
Sim	45	33,33
Não	30	66,67
TOTAL	45	100

TABELA 5

O que você não gostam de fazer na escola?

	TOTAL	%
Fazer os deveres	8	17,77
Ficar de castigo	28	62,23
Brigar	9	20,00
TOTAL	45	100

Dos alunos que participaram da entrevista 17,77% declaram não gostar de fazer os deveres, pois, os acham difíceis e cansativos. 62,23% não gostam de ficar de castigo, por se sentirem humilhados perante os professores, funcionários e os colegas e 20% afirmam não gostar de brigas. Isso revela um alto índice de indisciplina na escola.

TABELA 6

Gosta de fazer avaliações?

	TOTAL	%
Sim	16	35,55
Não	29	64,45
TOTAL	45	100

Percebe-se que os alunos têm grande afinidade com a escola, 28 dos alunos entrevistados consideram a escola boa, 12 consideram ótima e apenas 05 a consideram ruim, por motivos diversificados.

TABELA 4

Quais as atividades que mais gosta de fazer na sala de aula?

	TOTAL	%
Ler e escrever	11	24,45
Brincar	13	28,88
Pintar	19	20,00
Outra história	12	26,67
TOTAL	45	100

28,88% o que corresponde a maioria dos entrevistados afirmam ter preferência pelas brincadeiras realizadas na escola. Enquanto 24,45% prefere ler e escrever. Apenas 20% optaram pela pintura e 26,67% gostam de ouvir histórias.

TABELA 2

IDADE DOS ENTREVISTADOS

IDADE	TOTAL	%
5 – 6	19	42,22
6 – 8	10	22,22
8 – 10	12	26,67
10 – 13	4	8,89
TOTAL	45	100

Dentre os entrevistados 19 crianças estão na faixa etária de 05 a 06 anos, 10 crianças de 06 a 08 anos, 12 de 08 a 10 anos e 04 de 10 a 13 anos.

TABELA 3

O que pensa sobre a escola onde estuda?

	TOTAL	%
Boa	28	62,22
Ótima	12	26,67
Ruim	5	11,11
TOTAL	45	100

ENTREVISTA AOS ALUNOS

TABELAS

TABELA 1

SEXO	TOTAL	%
Feminino	26	57,78
Masculino	19	42,22
TOTAL	45	100

Segundo os dados coletados na entrevista aos alunos da Escola Oficina Professora Gleidecelma Santos Lima constatou-se que 26 crianças são do sexo feminino e 19 do sexo masculino totalizando 45 entrevistados.

desequilíbrio torna o ensino fragmentado e descontextualizado; ser, ora tradicional, ora interacionista, não traz bons resultados para o professor, nem para o aluno.

Para que os professores obtenham resultados satisfatórios enfatizamos a necessidade de leituras constantes de artigos sobre como alfabetizar, os Parâmetros Curriculares Nacionais, as obras do célebre professor, pedagogo e escritor Paulo Freire etc...

Concluimos os nossos trabalho com a esperança de que o projeto Alfabetização da Escola Oficina obtenha resultados cada vez mais satisfatórios, cumprindo o seu papel na luta contra o analfabetismo e alcançar o nosso objetivo de formar "cidadão".

E - EVASÃO DOS ALUNOS

Dentre os vários aspectos que motivam a evasão dos alunos, o conteúdo não condizente com a realidade passa a ser o principal motivo da evasão.

Para solucionar essa dicotomia, é necessário conciliar conteúdo a realidade dos discentes para que as aulas se tornem mais interessantes e a escola sejam vista como prioridade na vida de cada um deles.

F - REPROVAÇÃO

A não priorização da oralidade e autonomia dos alunos os tornam desmotivados, cansados, causando dificuldades de aprendizagem, indisciplina e em consequência a reprovação dos mesmos.

Infelizmente o maior número de reprovação escolar estar nas séries iniciais, talvez pela resistência de muitos docentes em relação à concepção interacionista ou por não conhecerem os níveis de aprendizagem em que se encontram os alunos.

“Como acreditar na mudança da avaliação no 1º e 2º graus se a prática avaliativas na universidade e em muitos cursos de licenciatura é justamente a mais tradicional de todas?” (JUSSARA HOFFMANN, 1999; P. 75).

G - METODOLOGIA

A metodologia utilizada pelas professoras não são consideradas extremamente tradicionais, ao iniciar o Curso Intensivo de Pedagogia mudaram suas práticas, tenta conciliar tradicionalismo e interacionismo, mais esse

Soares apontou:

“Não se pode considerar alfabetizados pessoas que decodificam sílabas ou palavras (...). Pois os alunos não estão alfabetizados”.

Nestas salas encontramos alunos em diversos níveis de aprendizagem. O trabalho do professor será, portanto de integrar o aluno num grupo capaz de respeitar o seu próprio ritmo, para que ele tenha possibilidade de ser alfabetizado sem dificuldades.

D - AVALIAÇÃO UTILIZADA PELA PROFESSORA

Podemos perceber que as professoras tentam conciliar as concepções tradicionalista e interacionista, fazendo uso de aplicação de avaliações observando oralidade, participação, criatividade, criticidade e etc... Sem anular outras formas de avaliação como: diagnóstica, processual e auto-avaliação que são necessárias para que façam uma ponte entre avaliação utilizada e projeto pedagógico desenvolvido na escola.

Os autores Perrenould, Vasconcelos, Ludke & Mediano, Luckese chamam a atenção para o fato de que “Não se pode tratar avaliação isoladamente. Ela só faz sentido se estiver fundada em um projeto pedagógico adequado ao grupo que se destina. E será portadora de transformação dos processos de exclusão se o projeto pedagógico estiver a serviço da igualdade e da inclusão”.

pelo MEC e pela prefeitura da cidade. Mas, ainda falta o incentivo e a orientação dos professores para que os alunos busquem novos textos.

C - DIFICULDADES DOS ALUNOS NA LEITURA E ESCRITA

Ao entrevistarmos os alunos detectamos várias dificuldades em relação à leitura dos alunos. Partindo desse pressuposto resolvemos investigar também a escrita dos mesmos. Eles foram submetidos a sondagem diagnósticos. Solicitamos listagens com nomes de animais, frutas e etc... Seguidos de ditado, elaboração de frases, textos (os que já conseguiam).

O trabalho de leitura e listagem estava previsto para um período de dez minutos, no entanto, devido à lentidão da maioria dos alunos em escrever as atividades propostas, a duração do trabalho foi de quarenta minutos.

Para identificar os alunos que fizeram parte desta pesquisa, pedimos a todos que escrevessem na parte superior da folha, idade, série, nome do aluno, da professora.

"Mais recentemente, o foco da análise psicológica da alfabetização voltou-se para a abordagem cognitiva, sobretudo no quadro da teoria dos processos de aquisição de conhecimento de Piaget. Diante dos resultados desses estudos parece haver necessidade de uma revisão das práticas escolares. Sobretudo no que diz respeito a preparação e a avaliação do alfabetizando para as atividades de leitura e de escrita no início da escolarização. Destaca-se entre esses pesquisadores, Emília Ferreiro, que vem realizando investigações sobre os estágios de conceptualização da escrita e desenvolvimento da leitura e escrita na criança".

(SOARES; 1985)

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A- Sala de aula x ambiente alfabetizador

Algumas das salas observadas não apresentavam um ambiente alfabetizador, ou seja, não havia um espaço para manuseio de livros e revistas, não haviam cartazes com diversidades de textos (jornais, receitas, fábulas, revistas em quadrinhos e outros).

Diante desta realidade podemos observar que os alunos devem estar em constante contato com a leitura e a escrita diversificada, para que apresentem melhor desenvolvimento.

Segundo Andréa Cecília Ramal:

...”É possível trabalhar diversas modalidades de textos mesmo em estágios menos avançados desde que o professor estabeleça uma mediação adequada entre aluno e o objeto de leitura”.

(RAMAL: 1997)

B - RECURSOS DIDÁTICOS

Os materiais utilizados em sala de aula são giz, quadro – negro, e o livro didático, embora a escola possua vídeo cassete, televisão e antena parabólica, não são muito utilizados devido a falta de instalação apropriados. Podemos observar que a secretaria da escola possui livros de contos e romances fornecidos

Felizmente, ninguém nasce pronto, acabado. A aprendizagem acontece de forma progressiva, através das relações entre família, sociedade e múltiplas experiências da vida.

Diversas pesquisas já demonstraram a existência de diferenças no desenvolvimento das crianças, dependendo de suas condições de vida, dos estímulos, em suma, de sua origem de classe.

Infelizmente, a escola continua sendo uma caixa – preta para os pais. Aparentemente, existe grande desconhecimento por parte dos pais e outros adultos da comunidade, do que seja uma boa escola. Em parte, por terem, eles próprios, um baixo nível educacional, os pais não têm um referencial concreto de modelo da escola. Sem esse referencial, é muito difícil pressionar por melhorias.

2.5- Participação dos alunos em sala de aula

2.6- Relação alunos / professora

“A entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada e interpretada (...)”.

(Andrade, 1999: p.128).

A técnica de entrevista foi escolhida por nos proporcionar informações sobre as aspirações e expectativas dos professores quanto ao nível de escolaridade que os alunos deverão atingir.

Para tanto, foram aplicados questionários aos professores, diretor e alunos, para que conhecer as percepções dos mesmos que é de fundamental importância para a implementação de políticas de combate ao fracasso escolar.

Esta tarefa foi efetivada através de perguntas relacionadas ao cotidiano escolar dos alunos, e informará o caminho a ser percorrido para chegar a resultados eficazes, com base nas informações dadas.

Categorização e tratamento dos dados:

- a- Sala de aula x ambiente alfabetizador
- b- Recursos didáticos
- c- Dificuldades dos alunos na leitura e escrita
- d- Avaliação utilizada pela professora
- e- Evasão dos alunos
- f- Reprovação
- g- Metodologia utilizada pela professora

Através da aprendizagem que foi constituída ao longo da vida, o aluno torna-se apto a vidas sociais, baseadas nos seus princípios morais.

As entrevistas foram realizadas sem um formulário fechado, mas com alguns temas selecionados, deixando considerável margem de ação aos entrevistadores. Os temas selecionados foram: valor da escola, qualidade da escola, relação escola-família, avaliação escolar, sugestões para a melhoria da escola, etc...

Para a realização da coleta de dados, foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: Observação sistemática e a entrevista padronizada foram organizadas a partir de visitas e revisitas periódicas a unidade escolar, Oficina Professora Gleidecelma Santos Lima, nas 1ª classes do turno vespertino, uma vez que estas observações foram realizadas durante uma unidade letiva em dias alternados com duração de uma, ou duas horas/ aula. Foram utilizados os seguintes critérios:

1- No primeiro mês, observação ao trabalho do professor:

- 1.1- Metodologia aplicada
- 1.2- Postura em sala de aula
- 1.3- Relação professor / aluno
- 1.4- Seleção de conteúdos
- 1.5- Planejamento da unidade letiva
- 1.6- Tipos de avaliação

2- No segundo mês letivo, os alunos foram observados quanto a:

- 2.1- Assimilação dos conteúdos através dos exercícios orais e escritos
- 2.2- Oralidade
- 2.3- Assiduidade
- 2.4- Interesse do professor e do aluno em relação às atividades propostas

Capítulo II – Procedimentos Metodológicos

A investigação foi realizada nas salas de aula de 1ª e 2ª séries da escola Oficina Professora Gleidecelma Santos Lima, que está localizada à Rua César Sampaio de Freitas, no município de Piritiba.

A opção por este estabelecimento de ensino deve-se ao fato de estar localizada na sede, onde alguns alunos permanecem há muito tempo e não adquirem as habilidades de ler e escrever na idade considerada “adequada”, ou os alunos que tiveram acesso à escola na idade adequada fracassam no processo.

Justifica-se nosso interesse em escolher as salas de aula acima citadas, com a intenção de investigar quais os aspectos que levaram essas crianças a permanecerem tanto na escola sem estarem alfabetizados.

A metodologia utilizada foi qualitativa / quantitativa, utilizando-se como procedimento de coleta de dados, entrevistas com representantes do grupo escolar (professor, aluno, diretor), para compreender como as políticas de educação chegam até à escola e seus usuários.

Foi escolhidas a aplicação de questionários, entrevistas e observações de aulas em todas as salas de 1ª e 2ª série a fim de possibilitar um maior contato com os discentes para que se possa colher dados que possibilitem encontrar novas formas de avaliar que amenizem os problemas relacionados à avaliação e que ajudem a diminuir o índice de reprovação.

se adapta às exigências e às normas definidas tem mais possibilidades de “ganhar” os pontos necessários.

Veja-se que o conselho, tendo como perspectiva uma avaliação conjunta dos professores, remete a uma prática de trabalho coletivo norteadada por uma proposta comum de trabalho, a qual, no entanto, é inexistente na escola. Assim, as reuniões de conselho parecem ser um dos poucos espaços em que se confrontam diferentes visões de ensino, de educação escolar, ou, em última instância, diferentes visões do mundo. Mas, talvez, por serem tão pontuados esses momentos no cotidiano da escola, não tem tido força para irar, a partir do confronto, o emergir de uma proposta articulada de trabalho. São dedicados, essencialmente, a discussão de aspectos burocráticos e acertos e negociação de notas ou conceitos. Não são uns espaços, para aprofundar, no interior da escola, a discussão do processo avaliativo, e a partir daí, do projeto pedagógico que é vivenciado pela escola.

Na realidade, a questão da aprovação e reprovação do aluno constitui o foco do processo de avaliação e o limite do próprio processo ensino – aprendizagem. A avaliação do aluno, e a partir dela, a decisão quanto à promoção ou retenção, não é vivida como parte integrante do processo ensino – aprendizagem.

A decisão quanto à aprovação ou reprovação do aluno é tomada a partir da análise de seu empenho feita pelos professores. Entre os aspectos que são considerados ao fazer a avaliação do aluno, foram mencionados: aproveitamento (“nota”, disciplina, interesse e esforço).

1.7- Conselho de classe.

Além da recuperação, também os conselhos de classe ocupam lugar significativo na vida escolar do aluno.

Expressam os depoimentos dos professores que os conselhos de classe bimestrais, em que se reúnem professores e técnicos da escola, têm servido para que sejam apontados os alunos que não obtiveram, em cada área de ensino, aproveitamento e identificar as causas. É ainda, nesse conselho que são veiculadas informação de caráter pessoal dos alunos e de seu desempenho anterior.

No conselho de classe, quando se discute e se decide o prosseguimento ou não do aluno para a série posterior, além dos professores e técnicos da escola participa também o diretor “para dar o voto de Minerva, se necessário, em caso de empate”.

Foi ainda mencionado que algumas vezes decide-se, no conselho, pela aprovação do aluno, ma com a condição de que ele não venha a freqüentar a escola no ano seguinte. Ou seja, o conselho, também se decide sobre alunos que devem ser expulsos da escola, mas de uma forma camuflada.

Alguns professores vêem o conselho de classe como mecanismo de aprovação ou reprovação do aluno.

Como já foi mencionado, o conselho final é bastante significativo para a vida escolar do aluno. É o espaço onde se decide, não só a aprovação ou reprovação, ma também a própria expulsão dos alunos da escola. Um critério importante, pelo que ficou evidenciado, é o “bom comportamento do aluno”. Ou seja, o aluno que

forma de controle, de poder, como uma forma de coerção em sala de aula. Ou então ela serve para dizer quem está apto ou quem não está apto”.

(1996: p. 10).

Diante de tais complexidades deve-se começar um processo de mudança. Só que não adianta querer mudar a forma de expressar, se não muda a intencionalidade. Do ponto de vista do processo, muitas vezes há a idéia de querer mudar tudo de uma vez só, as vezes as pessoas não tem essa consciência histórica de seguir os passos do processo. É preciso perceber que tem que mudar a postura, não adianta só mudar a concepção e a prática.

Não adianta ter uma prática nova com uma concepção antiga, porque deturpa a prática.

É importante o professor se colocar na condição de sujeito e não de objeto. Constantemente os professores objeto de decisões que vem de cima e ele apenas executam. Outro aspecto é a questão da ética. A falta de ética entre os professores compromete o processo de mudança: Percebe-se uma falha no colega e, ao invés de comentar com ele, passa a comentar com os outros. Isto desgasta muito as relações no interior da escola. É muito importante o professor se auto avaliar e estar percebendo as contradições dele, a contradição entre aquilo que ele pensa e aquilo que ele faz. Esse é um processo de reformulação do professor.

Segundo a teoria construtivista o principal objetivo da avaliação é formar gente com mentalidade aberta, senso crítico, atitude inquisitiva e espírito de participação na comunidade.

Na verdade, alguns professores, não conseguiram ainda, quebrar alguns paradigmas pré-estabelecidos por outros métodos de ensino. No processo interacionista é necessário que o professor tenha uma mentalidade aberta, atitude investigativa, desprendimento intelectual, senso crítico, sensibilidade às mudanças do mundo combinado com iniciativa para torná-las significativas aos olhos dos alunos e flexibilidade para aceitar a si mesma em processo de mudança contínua. Ele precisa dar mais de si e precisa estar o tempo todo se renovando para sustentar uma relação com os alunos que não se baseia na autoridade, mas na qualidade. Informações deturpadas sobre tal método têm contribuído para o fracasso escolar, fazendo os objetivos traçados pelo corpo docente não sejam alcançados.

Um dos fatores que também contribui para o não andamento processo interacionista na escola é a ansiedade dos pais que percebem seus filhos “atrasados” em relação a crianças de outras escolas, por não compreenderem o processo e não entenderem que não se trata de um atraso, no sentido de deficiência no aproveitamento, mas de um outro ritmo de aprendizado que, no final do ano, vai resultar numa vantagem qualitativa:

Segundo Vasconcelos:

“A avaliação serviria para localizar as dificuldades e as necessidades, e se comprometer com a superação. Basicamente, o princípio que orienta a avaliação, na prática, não vem acontecendo. A avaliação de fato, tem servido para controlar o comportamento dos alunos. O professor acaba usando a avaliação como uma

econômico, o estrago é enorme, porque o dinheiro que é gasto com reprovações e evasões poderia ser aplicado na educação de crianças que estão fora da escola.

Poder-se-ia apontar um efeito político: este tipo de avaliação acaba levando o sujeito àquela posição de passividade. É o “pacato cidadão”. São alguns aspectos do estrago. Aí alguém poderia perguntar: Por que se faz isto? O argumento muito freqüente é este: “estou lhe reprovando hoje, mas um dia você vai me agradecer”. Então, o drama é este; os professores cheios de boa vontade, fazendo um esforço enorme, corrigindo provas, para classificar o aluno e esta classificação é para a exclusão. Mas é importante perceber que, o que acontece na escola é um reflexo de uma lógica maior. No fundo, do que os professores não se dão conta muitas vezes, é que, pelo tipo de avaliação que estão fazendo, na verdade, estão definindo um modelo de sociedade.

A evasão escolar é um problema que aflige as escolas públicas brasileiras, por inúmeros motivos os alunos deixam a escola, motivos estes que aguçaram os nossos desejo de estudar as verdadeiras causas da evasão para que possamos apontar soluções ou sugestões para amenizar tal problema.

No decorrer deste trabalho tentamos mostrar com objetividade, as causa que levaram e levam os alunos da escola em que pesquisamos.

A nova proposta do ensino pedagógico é abandonar os velhos métodos tradicionais e caminhar para uma nova teoria pedagógica o construtivismo que tem como objetivo formar pessoas críticas, abertas a inovações e transformações cotidianas.

1.6- Objetivos da avaliação

E tudo isso porque exclui do trabalho, do emprego, da renda e da terra a maior parte de sua própria população.

Para erradicar a miséria é fundamental repensar toda a economia, reorganizar toda a política, transformar toda a nossa cultura, para chegarmos a um país onde todas as pessoas tenham trabalho e possam viver dignamente de seus salários, possam comer segundo suas necessidade e preferências, educar seus filhos e garantir saúde e segurança para todos os membros de sua família. É fundamental dar um passo à frente em direção ao trabalho.

“O fundamental é ensinar a pescar e não dar o peixe”.

Não se perguntava se a sociedade estava disposta a compartilhar o que tinha, se cada um queria cuidar de si ou de todos. Se queríamos ser uma nação ou um bando de gente cuidando da própria sobrevivência.

A atual prática de avaliação tem feito em todos os campos. Do ponto de vista estritamente pedagógico, ela provoca a não – aprendizagem, porque o aluno fica mais preocupado em tirar nota do que em aprender. Então, muitas vezes os professores criticam isso, sobretudo nas séries iniciais mais avançadas, mas eles não se dão conta de que o aluno não nasceu assim. Nas séries iniciais adoravam vir para a escola, nem pensavam em nota. Agora, a própria escola ensinou que era necessário tirar nota. Quando chega nas séries maiores o aluno já está condicionado.

Do ponto de vista psicológico, os estragos são enormes. Há muitas pesquisas mostrando toda a questão da auto –estima, da falta de segurança, deformações psicológicas que ocorrem em função da avaliação. Do ponto de vista

A escola não pode continuar contribuindo com os altos índices de reprovação e de evasão escolar, com a falta de motivação de professores e alunos, com uma sociedade desigual, com milhões de excluídos.

É necessário que haja uma maior determinação dos professores para que se possa inculcar nos alunos as necessidades de “aprender” e transformar o nosso país digno.

Segundo Herbert de Souza (Betinho):

“Projetar o futuro é temer ou desejar. Prever também pode ser identificar os desejos e interesses existentes agora, é reconhecer a possibilidade de que os melhores desejos sejam os desejos dominantes e com isso se transformem na realidade. Pensar o futuro atrai, desafia e engana. E mudar o futuro depende de mudar a maneira como se pensa o presente. O futuro começa hoje”.

(Betinho, 1994: pág, 32).

“Não faltam argumentos para quem imagina o futuro como o presente piorado. Se o modelo” Casa Grande e Senzala “prevalecer, não haverá outro recurso senão viver numa prisão de ruas fechadas por seguranças privadas. Nesse caso, o futuro brasileiro terá, pelo cinismo e pela indiferença a sociedade, a sociedade que a África do Sul fez no passado pelo racismo e pela violência”.

(Betinho, 1994: pág, 32).

Todas estas questões estão ligadas às questões políticas, um país que exclui, que não se organiza para propiciar trabalho, emprego, renda para todos os seus habitantes, não é ético, é perverso. Uma economia que não integra todas as pessoas não é ética. Uma necessidade que só oferece possibilidades de trabalho normal, regular, remunerado para uma minoria e que deixa a maioria à margem, à míngua, não é democrática; é imoral.

Depois de tantos anos de chamado “desenvolvimento”, percebemos que o Brasil é um paraíso para uma minoria, um purgatório para a maioria e um inferno ara 20%, de seu povo.

tarefa de promover o ensino, a aprendizagem de determinados conteúdos e contribuir de maneira efetiva na formação de seus cidadãos: Por isso, a escola deve responder à sociedade por essa responsabilidade. Para tal estabelece uma série de instrumento para registros e documentação da avaliação e cria os atestados oficiais de aproveitamento. Assim, as notas, conceitos, boletins, recuperações, aprovações, reprovações, diplomas, etc., fazem parte das decisões que o professor deve tomar em seu dia – a – dia para responder a necessidade de um testemunho oficial e social do aproveitamento dos alunos. O professor pode aproveitar os momentos de avaliação bimestral ou semanal, quando precisa dar notas ou conceitos, para sistematizar os procedimentos que selecionou para o processo de avaliação em função das necessidades psicopedagógicas.

É importante ressaltar a diferença que existe entre a comunicação da avaliação e a qualificação. Uma coisa é a necessidade de comunicar o que se observou na avaliação, isto é, o retorno que o professor dá aos seus alunos e aos pais do que pôde observar sobre o processo de aprendizagem, incluindo também o diálogo entre sua avaliação e a auto-avaliação realizada pelo aluno. Outra coisa é a qualificação que se extrai dela, e se expressa em notas ou conceitos, histórico escolar, boletins, diplomas, e cumprem uma função social. Se a comunicação da avaliação estiver pautada apenas em qualificações, pouco poderá contribuir para o avanço significativo das aprendizagens; mas, se as notas não forem o único canal que o professor oferece de comunicação sobre a avaliação, podem constituir-se uma referência importante, uma vez que já se instituem como representação social do aproveitamento escolar.

1.5- A reprovação e a evasão escolar

sejam semelhantes às situações de aprendizagem comumente estruturadas em sala de aula, isto é, que não se diferenciem, em sua estrutura, das atividades que já foram realizadas: em segundo lugar, deixar claro para os alunos que se pretende avaliar, pois inevitavelmente, os alunos estarão mais atentos a esses aspectos.

Quanto mais os alunos tenham clareza dos conteúdos e do grau de expectativa da aprendizagem que se espera, mais terão condições de desenvolver, com a ajuda do professor, estratégias pessoais e recursos para vencer dificuldades.

A definição de critérios de avaliação deve considerar aspectos estruturais de cada realidade; Por exemplo, muitas vezes, seja por conta das repetências ou de um ingresso tardio na escola ou a faixa etária dos alunos. Sabe-se também, que as condições de escolaridade em uma escola rural e multisseriada são bastante singulares, o que determinarão expectativas de aprendizagem e, portanto, de critérios de avaliação bastante diferenciados.

Tão importante quanto o que é como avaliar são as decisões pedagógicas decorrentes dos resultados da avaliação, que não devem se restringir à reorganização da prática educativa encaminhada pelo professor no dia – a – dia; devem-se referir, também, a uma série de medidas didáticas complementares que necessitem de apoio institucional, como o acompanhamento individualizado feito pelo professor fora da classe, o grupo de apoio, as lições extras e outras de cada escola podem criar, ou até mesmo a solicitação de profissionais externos á escola para o debate sobre questões emergentes ao trabalho.

Um outro lado na questão da avaliação é o aspecto normativo do sistema de ensino que diz respeito ao controle social. À escola é socialmente delegada a

1.4- Prática avaliativa

É preciso que a perspectiva de cada momento da avaliação seja definida claramente, para que possa alcançar o máximo de objetividade possível.

É fundamental a utilização de diferentes códigos, como verbal, o oral, o escrito, o gráfico, o numérico, o pictórico, de forma e se considerar as diferentes aptidões dos alunos. Muitas vezes o aluno não domina a escrita suficientemente para expor um raciocínio mais complexo sobre como compreende um fato histórico, mas pode fazê-lo perfeitamente bem em uma situação de intercâmbio oral, como em diálogos, entrevistas ou debates. Considerando essas preocupações, o professor pode realizar avaliação por meio de:

- Observação sistemática: acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, utilizando alguns instrumentos, como registro em tabelas, listas de controle, diário de classe e outros:
- Análise das produções dos alunos: considerar a variedade de produções realizadas pelos alunos, para que se possa ter um quadro real das aprendizagens conquistadas: Por exemplo: Se a avaliação se dá sobre a competência dos alunos na produção de textos, deve-se considerar a totalidade dessa produção, que envolve desde os primeiros registros das atividades realizadas especificamente para esse aprendizado, além do texto produzido pelo aluno para os fins específicos desta avaliação.
- Atividades específicas para a avaliação: Nestas, os alunos devem ter objetividade ao expor sobre um tema, ao responder um questionário. Para isso é importante, em primeiro lugar, garantir que

O novo senso comum pedagógico dos professores parece aceitar a afirmação de que a “avaliação está ligada à estrutura de poder da sociedade”, “é coisa do sistema”. No entanto, diante da prática, questiona-se até que ponto essas assertivas são de fato compreendidas de um novo discurso “politicamente correto”. Isto porque, de um lado, não se percebe clareza do que significa ser “coisa do sistema” e, por outro, o professor não percebe o seu próprio envolvimento com esta realidade.

Percebe-se um amplo consenso quanto ao fato que a avaliação escolar é um grande problema. Este consenso, no entanto, começa quando se parte para sua análise, na medida que existem diferentes compreensões do mesmo.

Quando ouvimos os professores, suas respostas normalmente apontam três direções:

- O problema básico da avaliação está nos alunos (em suas famílias), por só pensarem em nota e por não estudarem.
- A questão central da avaliação é de ordem técnica: como preparar bem um instrumento, como avaliar o aluno como um todo.
- O problema da avaliação está na estrutura: números de alunos por sala de aula, números de aulas que o professor em que pegar para poder sobreviver, o sistema que exige e cobra notas.

O grande entrave da avaliação é o seu uso como instrumento de controle, de inculcação ideológica e de discriminação.

Segundo Jussara Hoffman:

“A prática avaliativa não iria mudar em nossas escolas em decorrência de leis, resoluções, decretos ou regimentos escolares, mas a partir do compromisso dos educadores com a realidade social que enfrentamos”.

(1998: p. 36).

No momento da avaliação, na maior parte das vezes, o professor nem sequer dá ao educando a oportunidade de verificar o que não conseguiu aprender. Aplica-se um teste, contam-se as questões certas e erradas, dá-se uma nota, registra-se e caderneta e pronto. Será que o aluno não merece um momento de troca de idéias e entendimento sobre seus avanços e suas dificuldades? Será que o educando não tem condições de juntamente com o professor, encontrar explicações para os seus desvios de aprendizagem? E mais: será que a compreensão desses desvios não ajudaria em seu crescimento intelectual? Será que esse diálogo com o aluno sobre dados, objetivos de sua aprendizagem não ajudaria também o professor a atender melhoras suas atividades didáticas, os seus acertos os seus erros? Professor e aluno, abordando juntos os resultados objetivos da aprendizagem, podem formular juízo que servem para ambos e para melhoria do próprio processo de ensino – aprendizagem. Entender o educando como incapaz de julgamento é perder a oportunidade de crescimento e avanço para ambos.

1.3- Os problemas enfrentados com as questões avaliativas.

Todos sabem da dificuldade que a avaliação apresenta e as conseqüências drásticas que pode trazer para a Educação: de um modo geral, pode-se dizer que praticamente houve uma inversão na sua lógica, ou seja, a avaliação, que deveria ser um acompanhamento do processo educacional, acabou tomando-se o objetivo deste processo na prática dos alunos e da escola, é o famoso “estudar para passar”, pois se não “tirar nota”, vem à reprovação.

O que não aprendeu, fica como está. E a classificação por notas ou conceitos. Desse modo, tanto será arbitrário e maléfico o educador "bonzinho" que piedosamente, facilita a vida dos educandos, classificando-os em níveis qualitativos que ainda não possuem, como será arbitrário e maléfico o educador "durão" que, ardilosamente, cria artifícios para "quebrar" os educando em testes e provas. Ambos estão trabalhando para um processo antidemocrático de verdadeiro acesso ao saber e à competência necessários para a vivência em sociedade.

A avaliação é desenvolvida de uma forma fragmentada e reducionista. O indivíduo não é considerado de uma forma global abrangente, incluindo aí, não só seu aspecto racional, mas também o intuitivo. É preciso considerar todos os aspectos pelos quais se manifesta a aquisição de comportamentos, de conhecimentos. É preciso avaliar de uma forma holística mais ainda, é preciso que o avaliador esteja aberto pra buscar formas mais criativas e até formas consideradas alternativas, para compreender se o aluno avançou, como ele percebe esse avanço hoje, que significado ele atribui ao conhecimento hoje, e não só como esse conhecimento deverá fazer sentido para ele futuramente.

Mas ainda a avaliação é utilizada como instrumento de controle disciplinar, de discriminação do aluno, de controle de sistema de classe social, de forma ameaçadora. Pressupondo uma homogeneidade da clientela escolar, ela propõe igualdade de condições a classes heterogêneas com contextos de vidas diferentes. Desconsidera, dessa forma, a especificidade de cada um, o ritmo de aprendizagem próprio de cada aluno. Com isso, crava o destino do aluno, decide trajetórias de vida baseadas em reprovação e aprovação.

arma na mão do professor, da qual o aluno precisa se defender de qualquer forma, se não quiser se dar mal (e depois se queixam porque os alunos só pensam em nota e se espantam porque os alunos colam...).

1.2- O lugar da avaliação no processo de aprendizagem.

Diante das questões abordadas anteriormente, deve-se então abolir a avaliação da escola? Longe disso. Ela é indispensável em qualquer ação de educar. É preciso repensá-la constantemente.

É necessário admitir que existem, de fato, no contexto escolar, diferenças no desempenho das crianças e dos jovens em decorrência da origem de classe e, por conseguinte, também na rede de ensino privado e na pública. É certo que as crianças das camadas populares apresentam índices percentuais, em seus resultados escolares mais baixos que os das crianças de camadas médias e altas da população, também no que diz respeito às aquisições das estruturas mentais próprias a cada idade do desenvolvimento, quanto nas notas obtidas no atual sistema de avaliação.

É preciso ter claro que qualquer aperfeiçoamento de um processo de avaliação passa necessariamente pela discussão da proposta da escola, isto é, da orientação pedagógica que deve definir todas as práticas educativas no interior da escola, inclusive a avaliação.

Como o educador possui o poder arbitrário de classificar em definitivo, sem tribunal de apelação, um educando possui também a chave que impede (consciente ou inconscientemente) o processo de crescimento para a liberdade e a autonomia para o processo do conhecimento. Aquele que aprendeu, aprendeu.

A avaliação é sem dúvida um dos aspectos mais problemáticos da prática pedagógica na escola de 1º grau. Mesmo escolas que desenvolvem um bom trabalho junto aos alunos demonstram debilidade nas suas práticas avaliativas. André e Mediano (1985) estudando a prática pedagógica de uma escola bem sucedida, encontraram que a avaliação parecia ser o aspecto mais controvertido no qual havia menos consenso entre as professoras.

A avaliação entrou na rotina da escola como uma prática compulsiva: tem que ser feita e por isto é preciso fazê-la. A grande preocupação dos professores se torna assim sua operacionalização, sem sequer pensar sobre seu sentido e razão de ser. Transforma-se num verdadeiro mito; ensina-se para avaliar ou até chega-se a julgar mais importante avaliar do que ensinar. O meio torna-se um fim. Muitos professores estão mais preocupados em como avaliar (atribuir nota), do que em como criar condições para que o aluno se humanize, se personalize e adquira os meios indispensáveis para atuar de forma transformadora na sociedade (único sentido real e profundo dos conteúdos e práticas escolares). E essa é a posição de professores dedicados que querem fazer um bom trabalho.

Segundo Luckesi:

“A característica, que, de imediato, se evidencia na nossa prática educativa é que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino” que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma “pedagogia de exame”.

(1994: p. 82).

Existe outra maneira de ver a avaliação que se pode dizer “trágica”. É a dos professores (e infelizmente, não são poucos) que pensam não ser possível levar à frente um processo de ensino aprendizagem, ou mesmo um processo educativo mais amplo, sem o agulhão que empurre o educando ou sem uma isca que o prenda à força. Assim, reduzem a avaliação a um processo coercitivo, a uma

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1- A avaliação na escola de 1º grau

No processo de democratização do ensino brasileiro, a avaliação ganhou um lugar de destaque, devido à forma que vem sendo utilizada nas escolas brasileiras. Infelizmente, a avaliação ganhou um caráter reprovativo, as velhas “atrocidades” deixaram de ser cometidas nas escolas, mas em lugar destas, vieram às avaliações.

Hoje se sente com urgência a necessidade de rever as práticas avaliativas utilizadas em nossas escolas, motivo que nos leva a fazer tal pesquisa.

A avaliação é um processo presente em todo os aspectos da vida escolar; professores avaliam alunos, alunos avaliam professores e a escola. Entretanto, só a avaliação do aluno pelo professor parece ser um aspecto formalmente reconhecido na vida da escola.

Na realidade brasileira da escola de 1º grau, a avaliação toma especial relevo, dados os já conhecidos altos níveis de reprovação e evasão que nela ocorrem e, que, sem dúvida passam pelos resultados da avaliação, seja ela a avaliação formal que se consubstancia numa nota ou conhecimento, que visa à promoção ou reprovação do aluno, seja a avaliação informal que a professora desenvolve durante suas aulas, através de comentários ou críticas aos alunos ou mesmo através de mensagens não verbais que carregam uma conotação de julgamento.

Como tomar consciência da eficácia do ensino, senão acompanhando o processo de aprendizagem?

No II capítulo (capítulo metodológico) abordaremos os desafios enfrentados pelos professores da Escola Oficina Prof^a Gleidecelma Santos Lima. Para isso serviu-nos como dados de estudos as entrevistas realizadas com diretor, professores e alunos das 1^a séries e 2^a do ensino fundamental. Os dados mostraram que aprender a ensinar é um processo que vai se consolidando no exercício profissional, à medida que a professora vai articulando o conhecimento teórico-acadêmico com os dados do contexto escolar e os reflexos sobre sua prática. Infelizmente, ainda se encontram grandes obstáculos, mas todos vem lutando para vencer tais barreiras e proporcionar melhores condições de ensino, pois os professores acreditam que assim obterão resultados satisfatórios.

Os autores que nos auxiliaram a fazer a caminhada nesse sentido foram: Luckesi (1995), Cossina (1999), Passos (1999), Hoffman (1998), Vasconcelos (2001), Ferreiro (1992), Souza (1994), Libâneo (1994), Wigotsy (1994) e outros.

As reflexões desses autores levaram-nos a ter a clareza de que a revisão das práticas avaliativas não é uma tarefa simples, nem vai se dar de um dia para o outro. É uma tarefa complexa, que vai exigir mudanças profundas nas relações escolares, no projeto pedagógico da escola e, nas interações de sala de aula.

No capítulo I trataremos de questões relacionadas à avaliação.

Falaremos da forma como vem sendo utilizada a avaliação na sala de aula atualmente, a prática avaliativa, a reprovação e a evasão escolar, os objetivos da avaliação e o conselho de classe.

Os autores também nos alertam para o fato de que a constatação das complexidades do uso de precisar aprender a olhar as múltiplas determinações e avaliar o seu poder e as suas brechas precisa também aprender a se movimentar criticamente no espaço de sua sala de aula. Aprender a olhar para cada aluno e não para uma massa amorfa. E então, usar essas afirmações para organizar situações de aprendizagem que permitam a cada aluno apropriar-se da cultura elaborada.

Considerando que a aprendizagem é um processo e não um acúmulo de informações fatuais, o professor enfrenta o grande desafio de organizar atividades de ensino capazes de desencadear, reforçar e acompanhar esse processo, colaborando nele. É um desafio que o leva a escolher determinados métodos, atividades, técnicas e recursos didáticos, assim como a encontrar dispositivos que o ajudem a julgar o grau de eficácia de sua ação docente.

INTRODUÇÃO

Estudar a avaliação numa perspectiva transformadora significa situá-la como elemento de uma escola democrática, que favoreça não só o acesso das camadas populares, mas, acima de tudo a sua permanência no sistema de ensino.

Para que serve a avaliação nas primeiras séries do ensino fundamental? Para classificar, punir, definir o destino escolar do aluno? Muitos autores afirmam, e as nossas observações confirmam, que a avaliação vem assumindo, há anos, uma função seletiva excludente, definindo de acordo com as normas escolares, os alunos que podem, ou não prosseguir na sua trajetória escolar.

Como reverter este quadro, fazendo da avaliação um processo de sustento da aprendizagem? Porque não usá-la no sentido positivo, isto é, para obter informações sobre o que foi conseguido no processo de ensino aprendizagem? Porque não explorar seu caráter diagnóstico, que leva a detectar os ganhos e aquilo que precisa ser mais bem trabalhado? Porque não aproveitar sua função formativa, que dá pistas sobre como corrigir as falhas e aperfeiçoar cada vez mais o processo?

Movidas por essas questões, realizamos durante uma unidade letiva (junho a agosto) um trabalho de pesquisa-ação com professoras e alunos das primeiras séries do ensino fundamental com o objetivo de rever e analisar as práticas avaliativas de sala de aula, voltando-as para o sucesso da aprendizagem.

Pretendemos apresentar os resultados desse trabalho nos capítulos posteriores.

APRESENTAÇÃO

Esta monografia apresenta o problema da avaliação escolar nas séries iniciais do ensino fundamental da Escola Oficina Professora Gleidecelma Santos Lima, situada na sede (Piritiba - Ba). Objetiva desvendar, o que tem originado desistência e a reprovação dos alunos, no decorrer de cada ano letivo e a partir desta descoberta, sugerir intervenções capazes de contribuir para solucionar os problemas relacionados às questões avaliativas.

Para que se tornasse possível à realização deste trabalho fizemos um trabalho de campo fundamentado no projeto de pesquisa com duração de três meses na comunidade escolar, pautado em questionários direcionados a pais, alunos, professores e diretor. E isso nos forneceu subsídios suficientes para redigirmos os textos, que compõem nossa obra.

Os dados da pesquisa apontam o uso inadequado da avaliação como principal causa da evasão e reprovação escolar, mas não determinante da mesma. O espaço físico da escola é ótimo, mas os professores na sua maioria não têm qualificação profissional etc...

Mediante as conclusões acreditamos que sugestões como: formação contínua dos professores, integração escola – comunidades, modificações no sistema de avaliação bem como a implantação de programas que ofereçam recursos de incentivo à permanência do aluno na escola seja importante para o bom funcionamento da escola.

SUMÁRIO

Apresentação	6
Capítulo I - Referencial Teórico	10
1.1 A avaliação na Escola de 1º grau	
1.2- O lugar da avaliação no processo de aprendizagem	
1.3- Os problemas enfrentados com as questões avaliativas	
1.4- Prática avaliativa	
1.5- A reprovação e a evasão escolar	
1.6- Os objetivos da avaliação	
1.7- Conselho de classe	
Capítulo II - Procedimentos Metodológicos.....	26
Capítulo III – Análise e tratamento dos dados.....	30
Considerações Finais.....	42
Referências bibliográficas.....	44
Anexos.....	46

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares, professores e amigos que muito contribuíram para que cumpríssemos bem o nosso papel. E em especial à nossa grande mestra Alda Aragão que acreditou e investiu em nosso talento.

AGRADECIMENTOS

A Deus

“Por mais belas e sinceras que sejam as palavras ditas neste momento, perdoai-nos por não conseguirmos em sua total extensão, a gratidão e o amor que habilita em nossa alma”.

Aos familiares e amigos

Todo o dia Deus nos dá um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não percebemos este momento, que hoje é igual à ontem e será igual ao amanhã. Mas quem presta atenção ao seu dia descobre o instante mágico... Este momento existe, um momento em que toda a força das estrelas passa por nós, e nos permite fazer milagres.

Paulo Coelho

MENSAGEM

PAGANINI

ERA UMA VEZ um grande violinista chamado PAGANINI.

Alguns diziam que ele era muito estranho.

Outros, que era sobrenatural. As notas mágicas que saíam de seu violino tinham um som diferente, por isso ninguém queria perder a oportunidade de ver seu espetáculo.

Numa certa noite, o palco de um auditório repleto de admiradores estava preparado para recebê-lo.

A orquestra entrou e foi aplaudida.

O maestro foi ovacionado.

Mas quando a figura de Paganini surgiu, triunfante, o público delirou. Paganini coloca seu violino no ombro e o que se assiste a seguir é indescritível.

Breves e semibreves, fusas e semifusas, colcheias e semicolcheias parecem ter asas e voar com o toque daqueles dedos encantados.

DE REPENTE, um som estranho interrompe o devaneio da platéia.

Uma das cordas do violino de Paganini arrebenta.

O maestro parou.

A orquestra parou.

O público parou.

Mas Paganini não parou. Olhando para sua partitura, ele continua a tirar sons deliciosos de um violino com problemas.

O maestro e a orquestra, empolgados, voltam a tocar.

Mal o público se acalmou quando, DE REPENTE, um outro som perturbador derruba a atenção dos assistentes.

Uma outra corda do violino de Paganini se rompe.

O maestro parou de novo.

A orquestra parou de novo.

Paganini não parou.

Como se nada tivesse acontecido, ele esqueceu as dificuldades e avançou tirando sons do impossível.

O maestro e a orquestra, impressionados voltam a tocar.

Mas o público não poderia imaginar o que iria acontecer a seguir.

Todas as pessoas pasmam, gritaram OOHHH!

Que ecoou pela abobadilha daquele auditório.

Uma terceira corda do violino de Paganini se quebra.

O maestro pára.

A orquestra pára.

A respiração do público pára.

Mas Paganini não pára.

Como se fosse um contorcionista musical, ele tira todos os sons da única que sobrava daquele violino destruído.

Nenhuma nota foi esquecida. O maestro empolgado se anima.

A orquestra se motiva.

O público parte do silêncio para a euforia, da inércia para o delírio. Paganini atinge a glória.

Seu nome corre atrás do tempo.

Ele não é apenas um violinista genial. É o símbolo do profissional que continua diante do impossível.

MORAL DA HISTÓRIA

Eu não sei o tipo de problema que você está tendo.

Pode ser um problema pessoal, conjugal, familiar, sei lá o que é que está afetando sua estima ou seu desempenho profissional. Mas uma coisa eu sei. Nem tudo está perdido. Ainda existe uma corda e é tocando nela que você exercerá seu talento.

Tocando nela é que você irá vibrar.

Aprenda a aceitar que a vida sempre lhe deixará uma última corda.

Quando você estiver desanimado (a), nunca desista.

Ainda existirá a corda da persistência inteligente, do "tentar mais uma vez", do dar um passo a mais com um enfoque novo.

Desperte o Paganini que existe dentro de você e avance para vencer. Vitória é a arte de você continuar, onde os outros resolvem parar.

Quando tudo parece ruir, dê uma chance a você mesma (o) e vá em frente. Toque na corda da motivação e tire sons de resultados positivos. Mas antes pergunte:

Quem motiva o motivador? Isto é: quem motiva seu cérebro, que motiva sua mão, que toca seu violino?

Não se frustre, não se desespere, lembre-se: ainda existe a última corda: a do aprender de novo para deslumbrar e gerar soluções.

Nunca a vida lhe quebrará todas as cordas. Se os resultados estão mal, é a sua oportunidade de tocar a última corda, a da imaginação que reinventa o futuro com a inovação contínua.

É sempre a corda esquecida que lhe dará o maior resultado.

COMPTON



MR. J. B. WILSON

CLÁUDIA SANTOS SOBREIRA
EVANEIDE CONCEIÇÃO
IVONETE FERREIRA SANTOS
NEUMÁRIA VICENTE SANTOS

A AVALIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Orientadora: Lucinete Chaves de Oliveira Aggio



Trabalho apresentado em cumprimento às exigências do Curso de Pedagogia – Habilitação nas séries iniciais do Ensino Fundamental da Universidade do Estado da Bahia sob orientação da professora Lucinete Chaves de Oliveira.

UNEB - DEP. IV - JAC



42

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS IV – NÚCLEO JACOBINA.
CURSO DE PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO PARA PROFESSORES DAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A AVALIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL.

CLÁUDIA SANTOS SOBREIRA
EVANEIDE CONCEIÇÃO SOUZA
IVONETE FERREIRA DOS SANTOS
NEUMÁRIA VICENTE DOS SANTOS

PIRITIBA/BA.

NOV/2001.